

A influência da língua árabe no português brasileiro: a contribuição dos escravos africanos e da imigração libanesa

The influence of Arabic on Brazilian Portuguese: the contribution of African slaves and the Lebanese immigration

Maria Youssef Abreu*
Vanderci de Andrade Aguilera**

RESUMO: As relações entre o árabe e o português no Brasil concretizaram-se a partir de dois momentos históricos distintos. O primeiro momento deu-se no decorrer dos séculos XVIII e XIX, quando o tráfico de escravos viabilizou a entrada de populações de africanos islamizados na sociedade escravocrata brasileira. O segundo ocorreu, mais recentemente, com o fluxo imigratório de sírios e libaneses, iniciado no final do século XIX, estabelecendo uma nova etapa da história de interações entre essas línguas. O presente artigo contempla os vocábulos árabes derivados do intercâmbio entre as duas línguas e os campos semânticos em que os mesmos se organizam, como indício das áreas do saber nas quais se observam as interações entre as duas comunidades linguísticas em contato. Para fins teórico-metodológicos, ampara-se na Sociolinguística do contato de línguas, introduzido por Weinreich (1953) e considera-se como obra-fonte o Vocabulário de Origem Árabe, sistematizado por Vargens (2006). Verificou-se o registro de vinte e cinco vocábulos introduzidos pelos escravos africanos, pertencentes ao campo semântico 'religião', e doze vocábulos representativos ao campo semântico 'culinária', viabilizados pela presença de imigrantes sírios e libaneses no país.

PALAVRAS-CHAVE: Línguas em Contato. Árabe. Interferência.

ABSTRACT: The relationship between Arabic and Portuguese in Brazil is seen beginning with two distinct historical moments. The first phase took place during the eighteenth and nineteenth centuries, when the slave trade introduced an African muslim population into the Brazilian slave society. The second occurred more recently, with the flow of immigrants from Syria and Lebanon, starting in the late nineteenth century, establishing a new stage in the history of interactions between two languages.

*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina - UEL, bolsista da CAPES, vinculada à linha de pesquisa Linguagem e Significação - Análise e Descrição Linguísticas. E-mail: mariaayoussef@hotmail.com

** Professora do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina - UEL. E-mail: vanderci@uel.br

The present article presents the Arabic words exchanged between the two languages as well as semantic fields in which they organize themselves, as evidence of areas in which they observe the interactions between the contact of these two linguistic communities. Theoretical and methodological purposes, find refuge in the Sociolinguistics of language contact, introduced by Weinreich (1953) and became itself as a work source Vocabulary of Arabic origin, systematized by Vargens (2006). There are twenty-five words introduced by African slaves in the semantic field 'religion,' and twelve words in the semantic field 'cooking,' made possible by the presence of Syrian and Lebanese immigrants in this country.

KEY-WORD: Languages in Contact. Arabic. Interference.

Introdução

As línguas geram e expressam os laços que integram os falantes na sociedade e, de muitas maneiras, auxiliam a contar a história deles e de si mesmas. Os estudos em Filologia Românica ou Portuguesa contemplam, sobretudo, o contato entre o árabe e o português na Idade Média ibérica, período no qual ocorreu a interferência de um vasto número de vocábulos do árabe, distribuído em diversos campos semânticos, nas línguas ibéricas e ou delas provenientes. De maneira geral, os estudos filológicos ressaltam três vias de entrada a fim de explicar a interferência dos arabismos na língua portuguesa, a saber: a presença árabe muçulmana na Península Ibérica, a expansão portuguesa e a entrada mediante as línguas européias. Entretanto, omitem a via de entrada de arabismos em terras brasileiras, em decorrência do contato entre o árabe e o português, concretizado a partir da presença de africanos islamizados na sociedade escravagista nos séculos XVIII e XIX e do intenso fluxo imigratório de sírios e libaneses nas primeiras décadas do século XX.

Na tentativa de preencher tal lacuna, Vargens (2006) propõe uma revisão do *corpus* de arabismos do português de todas as épocas, amparado em uma busca bem documentada dos arabismos mais antigos em português e contempla a via de entrada brasileira, acrescentando a contribuição do vocabulário herdado dos escravos e dos imigrantes sírios e libaneses. Em seu

glossário, o autor registra setecentos e sessenta e nove unidades léxicas que, como empréstimos originais, variantes, derivados, ou expressões, são arabismos em português. Trata-se de um registro considerável, tanto quantitativa quanto qualitativamente, na especificidade das línguas românicas da Península Ibérica. Entretanto, no que concerne particularmente ao enriquecimento lexical proporcionado por imigrantes libaneses, até o presente momento não se tem conhecimento de investigações científicas sobre o tema (ARAGÃO, 2008, p. 10).

Nessa perspectiva, o presente artigo expõe dados parciais de análise de pesquisa, em nível de doutoramento, cujo propósito central consiste no estudo das interferências léxicas do árabe no português falado por imigrantes libaneses em contato sociolinguístico constante em solo brasileiro, estabelecidos na cidade de Londrina. O *corpus* constitui-se de dados orais do discurso de dezesseis imigrantes libaneses, bilíngues árabe-português, com idade superior a 18 anos, comerciantes de profissão e com permanência no país entre 20 a 45 anos. Apresentam-se divididos em dois grupos religiosos, cristãos e muçulmanos, de sexo masculino e feminino, distribuídos em dois níveis de escolaridade, fundamental e médio, com dois informantes em cada nível.

Para fins teórico-metodológicos, este estudo ampara-se na Sociolinguística do contato de línguas, introduzido por Weinreich (1953) e considera como obra-fonte o *Vocabulário de Origem Árabe: subsídios para os estudos de filologia*, sistematizado por Vargens (2006). Especificamente, o estudo contempla os vocábulos árabes derivados de dois momentos do contato entre o par de línguas em terras brasileiras, antes referidos, e os campos semânticos em que eles se organizam, como indícios das áreas do saber nas quais se observam as interações entre as duas comunidades linguísticas em contato.

A fim de desenvolver este estudo de modo a dar conta de nossos propósitos, subdividimo-lo em três partes: a primeira expõe um breve relato da interferência árabe na Península Ibérica, sugerindo um levantamento dos principais trabalhos realizados sobre o tema em pauta; a segunda discute a

influência dos africanos escolarizados que habitaram a sociedade escravocrata na Bahia; e a terceira apresenta aspectos socio-históricos da imigração libanesa no Brasil, seguida de um pequeno vocabulário de arabismos resultante dessa imigração.

A interferência árabe na Península Ibérica: o contato linguístico e cultural

Os estudos sobre fenômenos originados do contato de línguas ganharam notável desenvolvimento a partir da divulgação da obra intitulada *Languages in Contact: findings and problems*, de autoria de Weinreich (1953). Com este trabalho, o autor introduziu, pioneiramente, a consideração de fatores de natureza extralinguística no universo da Linguística, abrindo espaços para o posterior surgimento da Sociolinguística. Weinreich (1953) formulou o pressuposto de que as ocorrências do fenômeno da interferência são estimuladas por fatores estruturais e socioculturais, de modo que os usos de estruturas linguísticas são influenciados por fatores extralinguísticos, e isso faz com que as interferências configurem-se sistemáticas e previsíveis. Para o autor, a natureza e a extensão da interferência de uma língua sobre a outra pode ser explicada a partir de dados da fala de indivíduos bilíngues. Weinreich (1953) considera o contato de línguas como um aspecto do contato entre culturas e a interferência exercida por um sistema linguístico sobre o outro, uma faceta da difusão cultural e da aculturação decorrentes do contato entre comunidades linguístico-culturais distintas.

Devido não apenas à longa permanência árabe na Península Ibérica, mas, também, ao refinamento cultural dos muçulmanos em relação aos hispanos, visigodos e cristãos, diversos traços culturais permaneceram na região peninsular resultantes desse período de contato sociocultural, incluído, particularmente, o linguístico. Segundo uma extensa bibliografia que documenta a história, em que destacamos Coutinho (1976) e Silva Neto (1988), árabes e berberes do Magreb adentraram o território que compreendia a

Península Ibérica, conquistando grande parte dessa região. Denominados 'mourous' pelos habitantes da Península, esses povos tinham o islã como religião e o árabe como a língua de comunicação (mesmo aqueles que falavam a língua berbere). O império árabe-muçulmano foi se consolidando nessa região por longo período, estimado, aproximadamente entre sete e oito séculos (levando-se em consideração a data de sua chegada, em 715, até sua expulsão, no século XV. Donos de cultura influente, os árabes desenvolveram uma literatura, uma filosofia e uma ciência bastante próprias que marcaram o pensamento humano em geral e o europeu em particular. Como era de se esperar, o idioma árabe tornou-se a língua dominante em toda a região e isso resultou na assimilação, por parte dos falantes cristãos, de um vasto léxico de origem árabe.

Na caracterização do estudo dos arabismos, nota-se a parcialidade, geralmente verificada na interpretação da conquista da Península Ibérica pelos muçulmanos e das suas conseqüências. Corriente (1996) sugere uma crítica metódica dos estudos realizados sobre os arabismos do iberorromance e afirma que alguns pesquisadores subestimam a interferência sociocultural islâmica e que desta postura ideológica decorre inadequada análise dos dados linguísticos. Dentre os estudiosos que compartilham essa visão, Francisco Javier Simonet (1829-1897), chega a procurar no moçárabe interferências ibéricas ou latinas, como se negasse a reconhecer-lhe traços tomados do árabe, invertendo o papel de prestígio social do conquistador face ao conquistado e da direção mais provável do influxo (CORRIENTE, 1996, p. 2). Por outro lado, em sua análise, Corriente (1996) verifica que o avançado desenvolvimento técnico-científico dos árabes e o refinamento que caracterizam os califados, por exemplo, chamam a atenção de pesquisadores, como R. Dozy, os quais creditam ao árabe a fonte de diversos costumes ocidentais, linguísticos ou não. Por esse motivo, na revisão do Dictionnaire de Engelmann, realizada por Dozy, o número de arabismos é ampliado significativamente por vocábulos que verdadeiramente não o são.

Atualmente compreende-se a amplitude da influência árabe na cultura ibérica medieval resultante da condição política do dominador, reforçada pelo efetivo avanço em diversas áreas. Para Faulstich e Carvalho (2007), a literatura linguística que explica a presença do árabe nas línguas românicas e, particularmente, na língua portuguesa, reduz a interferência árabe, nos léxicos românicos, a campos léxicos pontuais, relativos ao vocabulário de natureza político-social, agrícola, toponímica, científica, de pesos e medidas etc. Não apenas no vocabulário erudito ou de emprego meramente histórico, mas, também, no vocabulário cotidiano de seus falantes, é abundante o uso corrente de vocábulos de origem árabe arrolados ao português brasileiro, conforme ilustra o texto proposto por Chediak (1972, p. 86-87):

Uma história. Suponhamos, primeiramente, um casal com um filho, em algum lugar do Brasil. Altair, recém-casada, mora nos arrabaldes ou arrebalde de uma aldeia do interior, põe o seu vestido de chita e o xale. Pega o garoto, um azougue de menino, lava-o e passa-lhe talco. Se o garoto tosse, dá-lhe uma colher de xarope, empapa o algodão em cânfora ou alcânfora e faz massagem nas suas costas. Vai à cisterna, prende a azêmola na argola da manjorra, põe água na modesta jarra. Vai fazer café e adoça-o com saboroso açúcar-cândi. O marido, um mameluco, conhecido pela alcunha Boca-Torta, bem cedinho, já se levanta com alguns achaques-enxaqueca, põe as ceroulas (no interior muita gente ainda as usa), o terno cáqui, bem lavadinho com anil, toma um trago de conhaque de alcatrão São João da Barra ou, se não o tem, vai ao alambique, sorve um gole de jeropiga. Toma a tarrafa e vai pescar no açude. Outras vezes, prefere caçar javali; limpa o azinhavre da espingarda de grosso calibre, sai com o fraldigueiro chamado Sultão e volta com algumas arrobas de carne às costas. À hora do almoço, Altair lhe traz umas azeitonas. Senta-se com ele, e principiam uma salada de alface bem regada a azeite. Vêm depois o espinafre, a cabidela, a carne ou peixe escabeche, ou com alcaparra, que ingere com arroz bem soltinho. Ela lhe oferece um prato com acelga ou celga, que rejeita. Prefere alcachofra, por causa do fígado. Vai tomando refresco de tamarindo. À sobremesa, uma boa laranja seleta. Terminado o almoço, descansa, recostando a cabeça na almofada. A casa é modesta, de adobe, mas o alicerce é firme. As janelas não têm alizares. Num pequeno jardim, florescem açucenas ou cecéns e alecrim. Depois da sesta, sai a trabalhar. Mete algum dinheiro na algibeira, algum alimento no alforje e segue para o campo. Tem alguns alqueires de terra. De volta, pára no alfaiate para experimentar um terno. Depois, entra no armazém para algumas compras. Muita gente. Azáfama. À saída, um pobre, cheio de salamaleques, pede-lhe esmola. Não é um nababo, mas também não é um mesquinho. Dá-lhe uns níqueis. Um troço de policiais, com vistosos dólmans, passa ao som de tambores, caminho do aljube. É o reforço que chega. A região foi invadida por uma cáfila

de assaltantes. O mameluco tira o chapéu. Passa um ataúde a caminho do cemitério. E retorna à casa.²

A presença de numerosos arabismos nas línguas românicas hispânicas e, particularmente, no português, permitiu que se distingam de suas outras irmãs românicas. Esse elevado número de arabismos justifica a propriedade da metáfora *aluviação lexical árabe*, proferida por Piel (1989, p. 12 e 13). Para o autor, o superestrato árabe revelou ser incomparavelmente maior em relação aos demais dominadores da região, uma vez que compreende todos os setores da vida material. Define que por 'arabismos' devem ser entendidos também vocábulos originalmente não árabes, isto é, ocidentais, berberes etc., incorporados no léxico dos muçulmanos peninsulares.

Há trabalhos sobre influência árabe no vocabulário português publicado no Brasil e em Portugal, para os quais, segundo Vargens (2005), alguns não possuem rigor científico, outros são importantes para a lexicografia do português. Entre as contribuições dos lusitanos lexicógrafos, o autor cita os nomes de Carolina Mickaelis, Manuel Augusto Rodrigues, José Domingues e Dias Farinha. No Brasil, os nomes destacados são João Ribeiro, José Chediak, Antônio Faris Mickaele, Rubem Franca e Miguel Nimer. Há trabalhos relevantes realizados no Brasil, como o já citado Nimer (1998), por exemplo, que não se limitou ao estudo dos termos portugueses de origem árabe, vai além, preocupando-se, também, com os termos gregos, latinos, persas, turcos, hebraicos, fenícios, arameus e siríacos, os quais entraram na língua depois de arabizados. Composto por setecentas e sessenta e cinco unidades léxicas, o léxico organizado pelo autor é precedido por capítulos introdutórios que explicam aspectos da morfologia do árabe, especialmente no que concerne às raízes trilíteras e a tipologia de afixos própria das línguas semíticas.

Um esforço na construção da filologia portuguesa é sugerido por Silva (1997a, 1997b), documentado no 'Vocabulário português legado pelos árabes', envolvendo 959 termos, excluídas as variantes e os termos insuficientemente

² Segundo Vargens (2007, p. 12), há controvérsias entre alguns autores quanto à etimologia árabe de alguns vocábulos como *cabidela*, *cáqui*, *chita*, *jeropiga* e *troço*.

justificados pelos filólogos e etimólogos, entre esses, todos os topônimos e antropônimos. O autor revela que os arabismos entraram para o português em épocas e de maneiras bem diferentes. Muitos passaram por diversos países e foram acolhidos em dicionários brasileiros com sua forma bastante alterada com respeito a sua origem. Outros foram adotados primeiramente pelos árabes como 'vocábulos de civilização' e divulgados no Oriente com as ciências, artes e técnicas greco-românicas, chegando ao português mais tarde. Silva (1997a) tece importantes considerações acerca das características da construção árabe, facilmente observáveis no vocabulário de origem árabe. Alguns vocábulos possuem *x*- inicial, como é o caso de: *xá*, *xadrez*, *xairel*, *xaque*, *xará*, *xarque*, *xeique*, *xerife*, *xarifa*, *xaroco*, *xarofa*, *xarope*, *xaveco*, *xeique*, *xiita* etc, e influenciaram nos representantes de numerosos termos latinos com *ex*-, como: *enxame*, *enxuto*, *enxada*, *enxó*, *enxugar*, *enxúndia* e *enxofre*. Outros vocábulos iniciam com *enx*-, como os seguintes: *enxaqueca*, *enxadrez*, *enxarope*, *enxávena*, *enxeco*, *enxoval*, *enxovia* etc. Um grupo numeroso de vocábulos se caracteriza pela terminação, entre essas estão os termos que terminam com *í* tônico: *aleli*, *alfarqui*, *alizari*, *arabi*, *bafari*, *carmesi*, *garabi*, *haji*, *huri*, *javali*, *maçari*, *muçurumi*, *rafadi* etc. Em muitos casos, o sufixo *í* é transformado em *i*: *adail*, *aguazil*, *alcil*, *alvazil*, *anafil*, *anil*, *arrabil*, *candil*, *cordovil*, *granadil*, *manchil*, *maravedil*, *marroquil* etc. E há casos em que o sufixo *í* muda para *im*: *.alabardim*, *alecrim*, *alfenim*, *alfolim*, *alfonsim*, *anexim*, *benjoim*, *borzeguim*, *cansim*, *carmesim*, *celamim*, *cetim*, *gergelim*, *haquim*, *jasmim*, *marfim*, *mirabolim*, *muslim*, *muezim*, *talim* etc. Além desses, há casos de palavras que terminam em sílabas como *afe*, *-afre*, *-efe* ou *-aque*, que não são empregadas em final de vocábulos latinos.

Os arabismos do português estão distribuídos em diversos campos semânticos, segundo a perspectiva assumida por diferentes estudiosos. Considerando os campos citados por Elia, 2004, Faulstiche e Carvalho (2006), Houaiss (1986), Mattos e Silva (2003), Silva Neto (1988), Vargens (2007) e Vasconcelos (1956), apresentamos o léxico em pauta nos campos semânticos:

- a) vocabulário de natureza político-social: *alcaide, alferes, almoxarife, alfândega* etc.;
- b) vocabulário comum: *alcova, argola, alicate, alfaiate* etc.;
- c) vocabulário de técnicas e agricultura: *açafrão, açude, alecrim, alfazema, algodão, almuinha, safra, sega tamarindo* etc.;
- d) vocabulário de frutos: *laranja, lima, limão, tâmara* etc.;
- e) vocabulário de pesos e medidas: *alqueire, arrátel, arroba, quintal* etc.;
- f) vocabulário de alimentos: *açorda, açúcar, aletria, almôndega, arroz* etc.;
- g) vocabulário de toponímia: *Alfama (refúgio), Alcântara (ponte), Almada, (mina)* etc.;
- h) vocabulário de guerra e vida militar: *alferes, algema, almirante, arrais, arsenal, bodoque, calibre, refém* etc.;
- i) vocabulário de indústria e comércio: *açougue, alambique, armazém, azenha, azêmola*;
- j) vocabulário de administração e finanças: *aduana, alfândega, alvará, aval, leilão, tarifa*;
- k) vocabulário de profissões: *alfaiate, almoxarife, magarefe*;
- l) vocabulário de ciências, técnicas e artes: *algarismo, álgebra, zero, aharque, elixir, enxaqueca, nuca, xarope, alquimia, alaúde, atabaque, atambor, axabeba, cifra*;
- m) vocabulário de vestuário: *babuche, alfarda* etc.;
- n) vocabulário de habitação e vida doméstica: *alcova, alicerce, almofada, andaime, azulejo, chafariz, divã, sagão, sofá, taça, taipa*;
- o) vocabulário de fauna: *anta, atum, gazela, girafa*;
- p) vocabulário de jogos: *xadrez*;
- q) vocabulário de compartimentalização espacial e acidentes geográficos: *aldeia, arrabalde, bairro, rincão*;
- r) vocabulário religioso: *imame, ulemá, mussurumim, islame, jihad, mesquita, minarete, moçafo, tecebá*;
- s) vocabulário culinário: *almôndega, cuscuz, alçorda*, etc.

Com o passar dos séculos, o árabe e o português restabeleceram suas relações, no caso que queremos ressaltar aqui, no interior de terras brasileiras, onde se verificou a relação entre o árabe como língua minoritária e o português em seu status de língua dominante. Esse fato concretizou-se de forma marcante em dois momentos históricos distintos, apresentados nos tópicos seguintes.

A influência afro-muçulmana: os escravos malês

No decorrer dos séculos XVIII e XIX, o tráfico de escravos viabilizou a entrada de diversas nações africanas no interior do Brasil, permitindo a emergência de um processo em vários graus de interação étnica e cultural. Muitas línguas e diferentes dialetos africanos adentraram as terras brasileiras constituindo uma efervescente situação de contato linguístico. Houais (1922) afirma que o total de línguas proeminentes da África representava um total nunca inferior a 20% das línguas da África, aproximadamente de 300 a 400 línguas, com falantes por todo o território brasileiro. Entre as diferentes línguas e dialetos falados por escravos africanos, é possível citar o *haussá*, *nagô*, *jêgeminá*, *iorubá*, *banto*, *quimbundo*, *mandinga*, *nupe ou tapa*, *ewe*, *fon*, *uolote*, *axante*, *umbundo*, entre outras.

A questão do influxo dessas línguas africanas no português do Brasil é vista por Pessoa de Castro (2006) mais como objeto do silêncio do que motivo da atenção de linguistas e filólogos. Na discussão sobre o reconhecimento das línguas africanas na constituição histórica do português brasileiro, a autora declara que a resistência quanto ao tratamento de temas associados às línguas africanas no país começa pelo prestígio atribuído à escrita em detrimento da oralidade, a partir de uma visão ocidental que sempre privilegiou o ler e escrever diante da não menos importante arte de falar e ouvir. Também importa lembrar que em decorrência do parâmetro que se colocou para povos que possuem uma forma de escrita literária e povos que se servem da tradição oral, esses últimos acabam por serem vistos como portadores de uma cultura

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

